

TREM DA VALE
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – VALE REGISTRAR
HISTÓRIA ORAL

Código da entrevista: VR-HT-OP-009

Entrevistado: Vanderley Ferreira

Local da entrevista: Sala de Histórias / Estação Ferroviária de Ouro Preto

Data da entrevista: 21/11/2006

Horário da entrevista: 14h

Duração da entrevista: 56mim48seg

Equipe do Programa de Educação Patrimonial – Vale Registrar/ História Oral:

Supervisão: Jason Barroso Santa Rosa

Sub-coordenação: Josanne Guerra Simões (Keka Simões)

Entrevistadores: Elodia Honse Lebourg e Bernardo Alves de Brito Andrade (monitor). Intervenção de Jason Santa Rosa

Gravação da entrevista (equipe EMVIDEO):

Coordenação: Bellini Andrade

Produção: Mateus Brandão

Câmera: Gustavo Costa Mendes (monitor)

Equipamento utilizado: Câmera digital MINIDV

Transcrição: Bernardo Alves de Brito Andrade

Data da transcrição: 13/02/2007

Conferência de fidelidade: Elodia Honse Lebourg

Data da conferência: 23/02/2007

Pesquisa para notas de rodapé: Elodia Honse Lebourg

Copidesque: Maria Angélica Vieira Bonome

Elodia Lebourg – Boa tarde.

Vanderley Ferreira – Boa tarde.

Elodia Lebourg – Eu queria começar com o senhor falando seu nome completo.

Vanderley Ferreira – Vanderley Ferreira.

Elodia Lebourg – Qual a data e o local do seu nascimento?

Vanderley Ferreira – Oito de março de 1952, em Monsenhor Horta, Mariana.

Elodia Lebourg – Como se chamavam seus pais?

Vanderley Ferreira – Duílio Ferreira e Maria da Conceição Lima Ferreira.

Elodia Lebourg – Qual é a profissão deles?

Vanderley Ferreira – Minha mãe era dona de casa e meu pai era ferroviário, aposentado.

Elodia Lebourg – O senhor teve irmãos?

Vanderley Ferreira – Tive. Oito irmãos.

Elodia Lebourg – Além do senhor, algum outro irmão seguiu a carreira de ferroviário?

Vanderley Ferreira – Sim, um foi maquinista¹.

Elodia Lebourg – O senhor acha que isso pode ter sido influência da profissão do seu pai?

Vanderley Ferreira – Creio que sim.

Elodia Lebourg – O que ele fazia na ferrovia?

Vanderley Ferreira – Ele era mestre-de-linha.

Elodia Lebourg – O que fazia um mestre-de-linha?

Vanderley Ferreira – Comandava, não é? Era um supervisor-de-linha. Quer dizer, agora se chama supervisor-de-linha.

Elodia Lebourg – Tinha funcionário subordinado a ele?

Vanderley Ferreira – Tinha.

Elodia Lebourg – Ele coordenava qual parte do trecho, do Ramal²?

Vanderley Ferreira – Operava de Furquim³ a Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Nessa época, o senhor já morava em Ouro Preto?

Vanderley Ferreira – Morava.

Elodia Lebourg – Com toda a família?

Vanderley Ferreira – Com toda a família.

Elodia Lebourg – O senhor convivia na Estação, via de perto a profissão do seu pai? Como era isso?

Vanderley Ferreira – A gente morava perto da Estação. Então, eu convivia mais com o trem.

¹ Profissional responsável por operar a locomotiva.

² Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

³ Distrito de Mariana, onde havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Elodia Lebourg – Morava perto, mais ou menos onde?

Vanderley Ferreira – De frente à Estação.

Elodia Lebourg – Aqui, em Ouro Preto?

Vanderley Ferreira – É. Aqui em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Nessa praça?

Vanderley Ferreira – Ao lado. No pátio, no lado interno.

Elodia Lebourg – O seu primeiro trabalho foi na ferrovia?

Vanderley Ferreira – Não. Eu passei por diversos empregos: fui trocador, trabalhei na Prefeitura de Ouro Preto. Depois entrei na Rede Ferroviária⁴.

Elodia Lebourg – Como foi o processo para entrar na...

Vanderley Ferreira – Rede Ferroviária? Eu entrei na Rede Ferroviária em seis do maio de 1976, como trabalhador de linha.

Elodia Lebourg – O senhor fez algum concurso? Como foi sua admissão?

Vanderley Ferreira – Foi um concurso.

Elodia Lebourg – Teve prova?

Vanderley Ferreira – Teve prova, só mesmo prova médica no caso. Naquela época não existia...

Elodia Lebourg – Aí o senhor foi trabalhar como...?

Vanderley Ferreira – Trabalhei como trabalhador de linha, por seis meses. Depois, vim para o escritório do mestre-de-linha.

Elodia Lebourg – Como trabalhador de linha, que tipo de atividade o senhor fazia?

Vanderley Ferreira – Substituía trilhos, dormentes, pregos, esses negócios todos.

Elodia Lebourg – Trabalhava em qual parte nesse...?

Vanderley Ferreira – Eu trabalhava de Ouro Preto a Miguel Burnier⁵.

Elodia Lebourg – Isso foi por seis meses.

Vanderley Ferreira – Seis meses. Depois, o mestre-de-linha precisava de um auxiliar para trabalhar no escritório dele. Eu vim, como auxiliar de escritório.

Elodia Lebourg – O que mudou na sua atividade? O que o senhor passou a fazer?

⁴ Rede Ferroviária Federal S/A.

⁵ Distrito de Ouro Preto, onde havia uma estação ferroviária. Nele iniciava o Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Vanderley Ferreira – Eu passei a fazer o serviço de mão-de-obra existente na linha, não é? A pontuação... Fazer o ponto de pessoal, dando conta do que se gastava na linha.

Elodia Lebourg – Passou para um serviço mais burocrático, dentro do escritório.

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Onde era esse escritório?

Vanderley Ferreira – Era aqui, em Ouro Preto.

Elodia Lebourg – Na Estação?

Vanderley Ferreira – Não, ao lado, no antigo escritório de Residência⁶, como eles falavam antigamente.

Bernardo Andrade – O escritório era nesse prediozinho que tem antes do Centro de Convenções⁷?

Vanderley Ferreira – Não, lá na frente, ao lado dessa ponte⁸...

Elodia Lebourg – Depois desse cargo, o senhor ocupou quais outros?

Vanderley Ferreira – Eu fiz outro concurso, para a área administrativa. Me levaram para Ponte Nova⁹, onde trabalhei por 12 anos.

Elodia Lebourg – Qual área?

Vanderley Ferreira – Administrativa.

Elodia Lebourg – Fazendo o mesmo serviço que fazia em Ouro Preto? Ou era diferente?

Vanderley Ferreira – Não, modificou. Lá eu passei a exercer... Mais relacionado com pessoal, área de pessoal. Recursos humanos, hoje, não é?

Elodia Lebourg – O que fazia na área de pessoal, nessa época?

Vanderley Ferreira – Ponto do pessoal, serviço de mão-de-obra, pessoal na linha. Continuou a mesma coisa; só modificou o ponto que a gente fazia.

Elodia Lebourg – O senhor ficou trabalhando lá por 12 anos?

Vanderley Ferreira – Doze anos.

⁶ Órgão executivo dos serviços de conservação da Via Permanente de determinados trechos de via férrea, superintendido por engenheiro.

⁷ O Centro de Artes e Convenções da Universidade Federal de Ouro Preto funciona no antigo prédio do Parque Metalúrgico, próximo à Estação Ferroviária.

⁸ Refere-se à primeira ponte após a Estação Ferroviária de Ouro Preto, no sentido do Bairro Pilar.

⁹ Município de Minas Gerais, onde havia uma estação ferroviária. Nele terminava o Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Elodia Lebourg – Depois voltou para cá?

Vanderley Ferreira – Não. Lá eu fiquei até me aposentar.

Elodia Lebourg – Quando se aposentou?

Vanderley Ferreira – Aposentei... Eu já tinha saído da Rede. Eu saí da Rede em sete de dezembro de 1996. Paguei sete meses, como autônomo, e consegui me aposentar.

Elodia Lebourg – Entendi. Qual era o horário de trabalho nos cargos que o senhor ocupou?

Vanderley Ferreira – Eram oito horas, não é?

Elodia Lebourg – Trabalhava durante o dia?

Vanderley Ferreira – Trabalhava durante o dia. À noite, quando era preciso, também eu trabalhava.

Elodia Lebourg – Precisava mais como trabalhador de linha ou na área administrativa?

Vanderley Ferreira – Na área administrativa.

Elodia Lebourg – Como trabalhador de linha, nunca precisou trabalhar à noite?

Vanderley Ferreira – Não, trabalhei. Na época, existia... Fui trabalhador de linha... Então, sempre trabalhava à noite. Barreiras, não é?

Elodia Lebourg – Em relação ainda ao horário, tinha período de descanso, horário de almoço?

Vanderley Ferreira – Olha, na Via Permanente¹⁰, antigamente, não existia hora de descanso. Era muito difícil a pessoa... Época de chuva não tinha como descansar.

Elodia Lebourg – Por quê?

Vanderley Ferreira – Porque a pessoa costumava trabalhar 24 horas, direto. Porque não tinha gente, pessoal, para revezar. Só dava meia hora de almoço.

Elodia Lebourg – Nesse período específico das chuvas, o que acontecia para ter que trabalhar mais?

Vanderley Ferreira – Não, só mesmo na época da chuva. À noite era mais em época de chuva. Muita barreira, não é?

¹⁰ Setor responsável pela construção e manutenção de vias férreas, de forma a assegurar que elas estejam em perfeito estado.

Elodia Lebourg – Tinha mais acidente, pelo menos na linha?

Vanderley Ferreira – Tinha mais acidente, muito acidente.

Elodia Lebourg – Em período normal, como era o prazo para almoço, horário de descanso?

Vanderley Ferreira – Horário de almoço era uma hora, na linha, na Via Permanente.

Elodia Lebourg – Quem fornecia esse almoço?

Vanderley Ferreira – Almoço? O próprio funcionário. A gente fazia uma vaquinha¹¹, não é? Ao final do mês, rachava¹². [risos]

Elodia Lebourg – Vocês faziam almoço juntos?

Vanderley Ferreira – Todo mundo, para todo mundo.

Elodia Lebourg – Em que tipo de situação? Quando estava fora de Ouro Preto, trabalhando na linha?

Vanderley Ferreira – A pessoa tinha que levar almoço, no caso.

Elodia Lebourg – Tinha algum funcionário específico para fazer a comida?

Vanderley Ferreira – Tinha um cozinheiro.

Elodia Lebourg – O senhor tinha direito a férias?

Vanderley Ferreira – Tive. Todos os direitos da CLT¹³ a gente tinha.

Elodia Lebourg – Eram férias de um mês? Em que época do ano? Como era isso?

Vanderley Ferreira – Talvez em um ano, o outro tirava em dezembro, o outro jogava para janeiro, o outro jogava mais para o meio do ano, em outro mês. Ia revezando o pessoal.

Elodia Lebourg – No seu período de férias ou mesmo nas suas folgas, o que o senhor gostava de fazer?

Vanderley Ferreira – Gostava de fazer? Jogar futebol! [risos]

Elodia Lebourg – Futebol?

Vanderley Ferreira – Só.

Elodia Lebourg – Onde o senhor jogava futebol?

¹¹ “Vaquinha” é uma gíria usada para indicar que o entrevistado juntava dinheiro com os colegas para comprar os itens do almoço.

¹² “Rachava” é a gíria usada pelo entrevistado para indicar que ele e os colegas de trabalho dividiam o preço total das mercadorias compradas para que todos pagassem a mesma quantia.

¹³ Consolidação das Leis do Trabalho.

Vanderley Ferreira – Ah! Jogava futebol de salão. Hoje é futsal. Eu gostava de futebol de salão, futsal, não é?

Elodia Lebourg – Em Ouro Preto, tem futebol de salão? Onde é?

Vanderley Ferreira – Tem. No OPTC¹⁴.

Elodia Lebourg – Aqui pertinho.

Vanderley Ferreira – Aqui pertinho.

Elodia Lebourg – Como era? Tinha um time de futebol?

Vanderley Ferreira – Tinha um time. A própria Rede tinha um time de futebol.

Elodia Lebourg – Ah, é? Entre funcionários?

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Dois times ou era um time da Rede?

Vanderley Ferreira – Um time daqui, outro de Ponte Nova.

Elodia Lebourg – Como era isso?

Vanderley Ferreira – Jogava lá...

Elodia Lebourg – Tinha um campeonato?

Vanderley Ferreira – Tinha um campeonato.

Elodia Lebourg – Vocês tinham uniformes?

Vanderley Ferreira – Tinha tudo direitinho.

Elodia Lebourg – Me explica como eram esses campeonatos. Os funcionários iam para lá e ficavam alguns dias? Com funcionava isso?

Vanderley Ferreira – Olha, isso era aos domingos. Daqui saía uma turma e a gente jogava lá, ou então vinha para cá.

Elodia Lebourg – Qual time era melhor: o daqui ou o de Ponte Nova?

Vanderley Ferreira – O daqui era melhor! [risos]

Elodia Lebourg – O daqui era melhor. [risos] O senhor jogava no daqui? [risos]

Vanderley Ferreira – Jogava. Na época, a Residência pertencia a Ouro Preto. Depois é que foi transferida para Ponte Nova.

Elodia Lebourg – Depois, quando o senhor foi para lá, o time de Ponte Nova ficou melhor?

Vanderley Ferreira – Não, a mesma coisa. [risos] O daqui sempre foi bom.

Elodia Lebourg – Ganhava-se troféu? Que tipo de premiação...?

¹⁴ Ouro Preto Tênis Clube, localizado no Bairro Barra, em Ouro Preto.

Vanderley Ferreira – Ganhava tudo em cerveja, não é? Era disputado engradado de cerveja. [risos] Troféu mesmo não existia.

Elodia Lebourg – A ferrovia dava para vocês algum tipo de benefício, tipo atendimento médico, odontológico, ou algum tipo de gratuidade?

Vanderley Ferreira – Existia atendimento médico; odontológico, não. Na minha época, eu não lembro.

Elodia Lebourg – Como era esse atendimento médico? Era só para o senhor ou era para sua família?

Vanderley Ferreira – Era só para funcionário. Agora, depois nós começamos a pagar a REFER¹⁵, que tinha convênio com os hospitais. Aí já era para a família toda.

Elodia Lebourg – Começou a pagar o quê?

Vanderley Ferreira – A REFER.

Elodia Lebourg – O que é isso?

Vanderley Ferreira – A REFER era a seguradora da ferrovia.

Elodia Lebourg – Era um plano de saúde que vocês pagavam.

Vanderley Ferreira – Um plano de saúde que pagávamos.

Elodia Lebourg – E dava direito a...?

Vanderley Ferreira – À família também.

Elodia Lebourg – Na ferrovia, o senhor se lembra de outros cargos que existiam além dos que o senhor ocupou?

Vanderley Ferreira – Ah! Diversos cargos, como maquinista, agente-de-estação, condutor de auto-de-linha¹⁶, operadores, motoristas, isso tudo tinha.

Elodia Lebourg – Aproximadamente quantos funcionários em Ouro Preto?

Vanderley Ferreira – Quando eu entrei para a Residência em Ouro Preto, em 1981... Eu fiz o curso e depois fui transferido para Ponte Nova, porque a Residência mudou para Ponte Nova. Ouro Preto estava com duzentas e oitenta e poucas pessoas.

Elodia Lebourg – Para as necessidades da época, era um número bom de funcionários ou era pouco?

Vanderley Ferreira – Eu acharia pouco.

¹⁵ Fundação Rede Ferroviária de Seguridade Social.

¹⁶ Veículo ferroviário autopropulsado com cabine para condução de pessoal e, via de regra, rebocando carroceria com braço mecânico, destinada a transporte de materiais.

Elodia Lebourg – Em Ponte Nova esse número...

Vanderley Ferreira – Lá tinha outra Residência. Aqui era a 7ª Residência e lá era a 6ª Residência. Lá tinha aproximadamente duzentos e poucos, também.

Elodia Lebourg – Explica isto para mim: o que é 7ª Residência, 6ª Residência?

Vanderley Ferreira – Era dividido em setor, não é? O setor se chamava Residência.

Elodia Lebourg – De um mesmo Ramal?

Vanderley Ferreira – Era da mesma Superintendência.

Elodia Lebourg – Eram quantas Residências ao todo, o senhor sabe?

Vanderley Ferreira – Eram sete.

Elodia Lebourg – E lá tinha então o número aproximado de funcionários...

Vanderley Ferreira – Tinha. Aquele pessoal de Ponte Nova ia de Caratinga¹⁷ a Cataguases¹⁸, me parece, daquele lado de lá. A nossa, aqui, já era de Ouro Preto a Ponte Nova, de Miguel Burnier a Ponte Nova.

Elodia Lebourg – Existia algum tipo de regulamento, de norma, que os funcionários da ferrovia tinham que seguir?

Vanderley Ferreira – Tinha, mais ou menos.

Elodia Lebourg – Que tipo?

Vanderley Ferreira – Esse regulamento de horário principalmente, entendeu? Apesar da Rede Ferroviária não dar condução... A condução era o auto-delinha que levava o pessoal. No meu caso, que era administrativo, eles falavam: “Vocês estão precisando vir para casa. Vocês então que se danem!” [risos] Era assim que eles respondiam.

Elodia Lebourg – Além de cumprir o horário, o que precisava fazer para estar dentro das normas da ferrovia?

Vanderley Ferreira – Eles davam os alojamentos, na Via Permanente, principalmente. No meu caso, ainda fui de sorte, porque consegui um barraco para vir morar. Agora, na Via Permanente, o pessoal morava em um vagão.

Elodia Lebourg – Morava em um vagão?

¹⁷ Município de Minas Gerais, por onde passava a Linha da Caratinga, trecho da antiga Estrada de Ferro Leopoldina. A Linha de Caratinga era uma junção de várias linhas isoladas originalmente, construídas em épocas diferentes.

¹⁸ Município de Minas Gerais, onde havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal Linha do Centro, trecho da antiga Estrada de Ferro Leopoldina.

Vanderley Ferreira – Em um vagão. Em época de chuva, vagão minava água; no calor, era excesso de calor! [risos]

Elodia Lebourg – Isso quando se estava trabalhando em algum lugar mais distante.

Vanderley Ferreira – Mais distante da sede.

Elodia Lebourg – Fazia do vagão um dormitório, é isso?

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Entendi. No caso de um trabalhador que não respeitasse as normas de horário, de comportamento, tinha algum tipo de penalidade?

Vanderley Ferreira – Tinha, tinha. O supervisor chamava atenção da pessoa. Depois ia dando a punição necessária.

Elodia Lebourg – O senhor já sofreu alguma penalidade?

Vanderley Ferreira – Graças a Deus, não! Na Rede, só tive um atestado, até na época em que eu trabalhei.

Elodia Lebourg – Vocês usavam algum tipo de uniforme que identificasse os cargos?

Vanderley Ferreira – Tinha, tinha.

Elodia Lebourg – Como era?

Vanderley Ferreira – O supervisor-de-linha tinha o capacete verde. Para o trabalhador era amarelo; depois arrumaram um vermelho também, eu não sei como. A turma de obras também era a mesma coisa.

Elodia Lebourg – Na parte administrativa usava-se uniforme?

Vanderley Ferreira – Não. Aí não tinha uniforme, não.

Elodia Lebourg – No caso de ter uniforme, quem fornecia esse uniforme era a ferrovia ou o próprio funcionário?

Vanderley Ferreira – A ferrovia.

Elodia Lebourg – E equipamentos de segurança?

Vanderley Ferreira – Também a ferrovia fornecia.

Elodia Lebourg – Senhor Vanderley, existiam frases ou palavras ou gírias específicas do ferroviário?

Vanderley Ferreira – Não. Que eu saiba, todo mundo só falava ferroviário mesmo.

Elodia Lebourg – Como?

Vanderley Ferreira – Falava ferroviário.

Elodia Lebourg – Não, não! Eu digo assim: na rotina de trabalho do ferroviário?

Vanderley Ferreira – Ah, tinha! O coitado que trabalhava na soca¹⁹ era peão.

Elodia Lebourg – Peão?

Vanderley Ferreira – “Olha o peão trabalhando!” [risos]

Elodia Lebourg – O que era trabalhar na soca?

Vanderley Ferreira – Como eu te falei: trocar trilho, dormente...

Elodia Lebourg – Isso era considerado então um trabalho...

Vanderley Ferreira – É. Eles falavam. A gíria deles era essa.

Elodia Lebourg – Como era o espaço físico da Estação, na época em que o senhor trabalhou aqui? O que compunha o prédio da Estação e no seu entorno?

Vanderley Ferreira – Aqui era armazém²⁰. Eram dois armazéns, que eu lembro, na minha época. Porque dizem que tinha outro, lá na frente. Mas eu não estou lembrado. Tinha um armazém na parte de lá²¹, nessa outra aqui, e tinha a Estação no meio.

Elodia Lebourg – Esses armazéns eram armazéns de quê?

Vanderley Ferreira – Geralmente, isso que vinha... Naquela época, transportava-se muito milho, leite.

Elodia Lebourg – Chegava a Ouro Preto ou saía?

Vanderley Ferreira – Chegava de trem, chegava de trem.

Elodia Lebourg – O que mais tinha? Que tipo de mercadoria?

Vanderley Ferreira – Cimento. Chegava tudo pela ferrovia.

Elodia Lebourg – Qual era o horário de funcionamento da Estação?

Vanderley Ferreira – Eram vinte e quatro horas.

Elodia Lebourg – Vinte e quatro horas. Para qualquer serviço?

Vanderley Ferreira – Não. Eles tinham o trem carga, como eles falavam na época, não é? Então, carga passava à meia-noite, à uma hora da manhã. Tinha um trem que rodava para Belo Horizonte às cinco e pouco da manhã. Então tinha que trabalhar direto. A Estação não fechava.

¹⁹ Operação que é efetuada para adensar o material do lastro sob o dormente.

²⁰ O entrevistado indica a sala onde atualmente funciona o Salão Ouro Preto.

²¹ O entrevistado indica a sala onde atualmente funciona o Salão Mariana.

Elodia Lebourg – Entendi. Do que mais o senhor se lembra no prédio da Estação? Esse segundo andar, o pátio...

Vanderley Ferreira – Esse segundo andar... Aqui funcionava também como casa do agente-de-estação.

Elodia Lebourg – Casa de moradia?

Vanderley Ferreira – Moradia. Aqui também funcionou o escritório da Via Permanente, durante uma época. Mas isso aí eu não lembro, não. [risos] Só vejo o pessoal contar.

Elodia Lebourg – No pátio da Estação, tinha algum tipo de oficina, de galpão?

Vanderley Ferreira – Tinha. Tinha oficina lá na frente também, atravessando a ponte, da ponte para lá²²: tinha carpintaria, ferraria, almoxarifado.

Elodia Lebourg – Que tipo de pessoa podia ter acesso a esses locais que o senhor está comentando?

Vanderley Ferreira – Olha, naquela época não exigia muito assim... Qualquer pessoa chegava. Não entrava, entendeu? Chegava pelo menos à porta, ia até a porta, puxava a pessoa com quem quisesse conversar. Mas tinha o feitor, o encarregado, que não deixava: “Daí para dentro não pode entrar”. Para manter a segurança.

Elodia Lebourg – Entendi. Quanto aos armazéns que o senhor comentou, me fala um pouco mais sobre isso. Esses produtos que chegavam à Estação chegavam para quê? Para serem vendidos?

Vanderley Ferreira – Para serem vendidos.

Elodia Lebourg – Onde eram vendidos?

Vanderley Ferreira – No comércio.

Elodia Lebourg – Não eram produtos vendidos aqui?

Vanderley Ferreira – Vinham de fora para serem vendidos em Ouro Preto. Vinham da roça...

Elodia Lebourg – Vinham então com um dono particular?

Vanderley Ferreira – Particular. Naquela época existia o despachante, não é? As pessoas despachavam o material. Vinha leite, animal também.

Elodia Lebourg – O dono desses produtos pagava para usar o armazém?

²² O entrevistado refere-se à continuação do pátio da Estação Ferroviária de Ouro Preto, após a ponte, no sentido de Belo Horizonte.

Vanderley Ferreira – Pagava, pagava. Era tudo pago.

Elodia Lebourg – Era pago.

Vanderley Ferreira – E tinha determinado tempo para deixar a mercadoria ali.

Elodia Lebourg – Se não pegasse a mercadoria, o que acontecia?

Vanderley Ferreira – Pagava multa.

Elodia Lebourg – Mas então a pessoa só pagava...

Vanderley Ferreira – Se ultrapassasse o dia limitado pela ferrovia.

Elodia Lebourg – Se não ultrapassasse, não pagava nada.

Vanderley Ferreira – Não.

Elodia Lebourg – Ou pagava?

Vanderley Ferreira – Não.

Elodia Lebourg – Como se buscava essa mercadoria, aqui embaixo? Vinha de caminhão?

Vanderley Ferreira – Não! Naquela época não existia caminhão. Naquela época era cavalo mesmo! [risos]

Elodia Lebourg – E que tipo de mercadoria saía de Ouro Preto e ia para as outras cidades?

Vanderley Ferreira – Ah! Aqui em Ouro Preto eu não me lembro, não. Vinha de lá para cá: de Ponte Nova, Mariana... Mas, daqui para lá, eu não lembro.

Elodia Lebourg – Em que horário funcionavam esses armazéns?

Vanderley Ferreira – Só durante o dia. Agora, eu também não sei o horário correto.

Elodia Lebourg – E a segurança da Estação? Quem tomava conta?

Vanderley Ferreira – O agente-de-estação. No horário dele, tinha ele e o... Hoje se fala manobrador²³, mas antigamente se falava guarda-chave²⁴. O guarda-chave era o responsável, coitado! [risos]

Elodia Lebourg – Ele ficava aqui o tempo todo?

Vanderley Ferreira – Ficava. Porque eram 24 horas no ar, então...

Elodia Lebourg – Não tinha como...

Vanderley Ferreira – Só trocava a escala, não é?

Elodia Lebourg – Oi?

²³ Manobreiro.

²⁴ Profissional responsável por operar a chave do AMV (aparelho de mudança de linha).

Vanderley Ferreira – Não existia segurança, naquela época.

Elodia Lebourg – Quanto às casas de moradia que a Estação possuía em Ouro Preto, eram muitas?

Vanderley Ferreira – Eram. Bastante.

Elodia Lebourg – O entorno da Estação tinha muitas casas?

Vanderley Ferreira – Tinha.

Elodia Lebourg – E fora dessa parte próxima à Estação, em outros lugares?

Vanderley Ferreira – Ao longo do trecho todo existiam casas.

Elodia Lebourg – Como eram essas casas de moradia? Geralmente, eram iguais, parecidas?

Vanderley Ferreira – Eram iguais. Todas elas. Agora estão modificando. Antigamente eram todas...

Elodia Lebourg – Por que agora estão modificando?

Vanderley Ferreira – Ah! [riso] Te explicar também eu não sei, não!

Elodia Lebourg – Elas estão sendo reformadas?

Vanderley Ferreira – Uns estão reformando do jeito deles.

Elodia Lebourg – Quais funcionários podiam morar nessas casas?

Vanderley Ferreira – Oh, desde o trabalhador de linha até o supervisor.

Elodia Lebourg – Como eram escolhidos para morar nas casas?

Vanderley Ferreira – Ah! Isso era de acordo com o mestre-de-linha. Na época, ele apontava: “Preciso de fulano de tal, para o serviço” mais próximo ao serviço, no caso. Aí ele cedia a casa para o rapaz morar.

Elodia Lebourg – Os funcionários pagavam aluguel, naquela época?

Vanderley Ferreira – Não, naquela época não existia. Depois, de 1990 e poucos para cá, começaram a descontar em folha de pagamento.

Elodia Lebourg – Era um aluguel ou era algum...?

Vanderley Ferreira – Não, era um... Como fala? Um trem²⁵ para dizer que a gente estava...

Bernardo Andrade – Simbólico?

Vanderley Ferreira – Simbólico. É isso! [risos] Estava doído para lembrar! Simbólico. Eram 6% sobre o salário da pessoa.

²⁵ “Trem”, neste caso, foi um termo usado pelo entrevistado para indicar que o aluguel pago era algo simbólico.

Elodia Lebourg – O senhor mora em uma dessas casas?

Vanderley Ferreira – Moro.

Elodia Lebourg – Como o senhor conseguiu essa moradia?

Vanderley Ferreira – Na época, eu trabalhava na Via Permanente. Eu estava morando em uma casa aqui na frente, estava muito próximo ao rio e o...

Elodia Lebourg – Estava muito o quê?

Vanderley Ferreira – Próximo ao rio que desce aqui²⁶. Aí [inaudível] o agente-de-estação se mudou para Passagem de Mariana²⁷ e o engenheiro me cedeu a casa aqui da frente.

Elodia Lebourg – Quando foi isso?

Vanderley Ferreira – Isso foi em 1993, 1994, me parece.

Elodia Lebourg – Foi perto, então, do senhor se aposentar?

Vanderley Ferreira – Foi, foi próximo. Mas na casa da Rede, onde morei, tem 26 anos, já.

Elodia Lebourg – Eu não entendi. Nessa casa, o senhor mora há quanto tempo?

Vanderley Ferreira – Nesta casa aqui?

Elodia Lebourg – Sim.

Vanderley Ferreira – Vim para cá em 1990 e poucos; agora eu não sei o ano certo. Morei na outra casa, aqui na frente, mais de 20 anos.

Elodia Lebourg – Ah! Essa outra casa também era da Rede!

Vanderley Ferreira – Era da Rede.

Bernardo Andrade – Onde era essa outra casa em que o senhor morava?

Vanderley Ferreira – Atravessando o pontilhão ali, a primeira casa. Outro dia o rapaz a reformou toda. Está bonitinha.

Elodia Lebourg – Como essas casas eram por dentro? Como era o espaço? Tinham muitos quartos? Eram grandes?

Vanderley Ferreira – Não, não eram tão grandes assim, não. Aparentemente, por fora, eram grandes; por dentro, não.

Elodia Lebourg – Como eram? Dois, três quartos...

Vanderley Ferreira – Nessa base. Três quartos, uma sala e cozinha.

²⁶ Rio Funil, que passa próximo à Estação Ferroviária de Ouro Preto.

²⁷ Distrito de Mariana, onde havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Elodia Lebourg – Tinha jardim, quintal?

Vanderley Ferreira – Não. Umas tinham um pedacinho de terra, coisa mínima, insignificante.

Elodia Lebourg – E podia morar com a família?

Vanderley Ferreira – Podia, desde que a pessoa fosse casada. [riso]

Elodia Lebourg – Ah, se não fosse casada, não podia?

Vanderley Ferreira – Não. Não deixava, não.

Elodia Lebourg – O senhor comentou sobre os vagões que eram usados como dormitório. Além disso, tinha moradia ou dormitório ao longo do caminho?

Vanderley Ferreira – Tinha. Tinha lugar em que eles passavam e viam casa desocupada. O engenheiro falava assim: “Ah, nós vamos nos mudar para tal lugar assim, assim”. Mandava um cara limpar, arrumar e entrar. Costumava não ter nem água direito. Quando eu entrei na Rede, como te falei, tomava banho no Tripuí²⁸ – não sei se você já ouviu falar, próximo a Ouro Preto. Eu tomava banho gelado na água do Tripuí. Um gelo! Ô, gelo! Mês de julho... Aí tinha que tomar cachaça, não é? [risos]

Elodia Lebourg – Ela esquenta?

Vanderley Ferreira – Ela esquenta. Se tomar, esquenta.

Elodia Lebourg – Mas podia tomar cachaça no trabalho?!

Vanderley Ferreira – Não, não era trabalhando! Eu estava na hora de tomar banho, para descansar! [risos]

Elodia Lebourg – Deixa ver se entendi. Quem entrava nessas casas eram os funcionários.

Vanderley Ferreira – Funcionários.

Elodia Lebourg – Além disso, tinha algum espaço, tipo dormitório, com vários quartos ou um espaço...?

Vanderley Ferreira – Como eu te falei, tem três quartos, [inaudível]. Pode levar 17 homens para dormirem em quatro quartos, três quartos.

Elodia Lebourg – Como era isso? A ferrovia fornecia cama, colchão?

Vanderley Ferreira – Não fornecia nada. A pessoa é que tinha que levar.

Elodia Lebourg – Até a cama?

²⁸ Ribeirão Tripuí, localizado na região de Itabirito, município de Minas Gerais.

Vanderley Ferreira – Até a cama.

Elodia Lebourg – Como levava?

Vanderley Ferreira – Olha, uns dormiam no chão, não é? Eu mesmo [inaudível] dormi no chão! [risos] Porque na época... Como ia levar a cama para dormir por três dias, quatro dias, para depois eles me chamarem para cá? Não compensava!

Elodia Lebourg – Mais ou menos, por quarto, quantos funcionários ficavam?

Vanderley Ferreira – Em torno de uns seis, por quarto.

Elodia Lebourg – Como eram as regras, as normas de convivência nesse espaço? Era muita gente...

Vanderley Ferreira – Eram muito boas. Contava-se muita piada, o pessoal começava a rir à noite... Não tinha luz, não tinha nada. Lamparina, outra hora era vela...

Elodia Lebourg – Mas tinha norma que vocês tinham que respeitar, tipo horário para entrar no dormitório, visita?

Vanderley Ferreira – Tinha, tinha. Podia entrar a qualquer hora, desde que não fizesse bagunça. Mas, se no outro dia um companheiro reclamasse de alguma coisa, aí era punição na hora! [risos] Às vezes, o cara chegava com umas no côco²⁹.

Elodia Lebourg – Quem era responsável pela limpeza do dormitório?

Vanderley Ferreira – Era o cozinheiro. O cozinheiro e... Quem morava no quarto talvez ficasse com dó e ajudava o cozinheiro.

Elodia Lebourg – Nesses espaços, então, tinha cozinha? A cozinha funcionava nessas casas?

Vanderley Ferreira – Tinha. Não! Funcionava, não. Eles inventavam umas cozinhas de telha de amianto, colocavam ali e que se dane! A gente fazia a comida do lado de fora, cozinhas para a gente, deixava nas marmitas. Agora, tomar banho costumava passar a semana inteira... Só quando ia para casa! [risos]

Elodia Lebourg – Não tomava banho?!

Vanderley Ferreira – Ah, não tinha jeito, uai! Não tinha água!

Elodia Lebourg – Mas não tinha um riozinho?

²⁹ Embriagado.

Vanderley Ferreira – Só no Tripuí. Agora vai entrar em um rio deste aqui?
[risos] Que passa aqui embaixo? [risos]

Elodia Lebourg – Ah, mas hoje em dia... Nem na época dava?

Vanderley Ferreira – Não dava, não.

Elodia Lebourg – Então, não tinha como tomar banho? Ficava todo mundo sem banho?

Vanderley Ferreira – Não. Tinha aqueles mais espertos. Chegava lá, a água já tinha acabado. Uns tinham um chuveiro lá, tipo balde, não é?

Elodia Lebourg – Aí, se tivesse água só [se tomava]³⁰ banho.

Vanderley Ferreira – Uns cooperavam: “Oh, fulano de tal está ali atrás! Vamos cooperar” – e deixavam água quente para a gente, dividiam a água. Mas era difícil!

Elodia Lebourg – Tinha água para cozinhar?

Vanderley Ferreira – A água era pouca, não é? Então, apanhava a noite inteira para, no outro dia, o cozinheiro mandar brasa, fazer a comida.

Elodia Lebourg – Apanhava à noite? Como assim?

Vanderley Ferreira – Deixava debaixo do cano. Eles punham um cano, a água saía desses brejos aí – não tinha água encanada, era do brejo mesmo que saía. Tomava aquela água quente do brejo. O negócio era feio!

Elodia Lebourg – Eu queria fazer umas perguntas sobre os trens. Quais tipos de trem trafegavam aqui, no trecho?

Vanderley Ferreira – Olha, aqui tinha o trem de carga, trem misto. Tinha... O pessoal, antigamente, falava lastro³¹ – puxava o pessoal para transportar aqui... Vamos supor, talvez não tivesse jeito de o automóvel correr; então ia o trem lastro, fazia a baldeação...

Elodia Lebourg – Ele [transportava]³² o quê?

Vanderley Ferreira – O pessoal, para mudar de um lugar para outro, carregar material.

Elodia Lebourg – No caso do trem misto, o que era isso?

Vanderley Ferreira – É trem de passageiro.

³⁰ Palavras mais aproximadas do que foi possível ouvir.

³¹ Trem em serviço das estradas de ferro no transporte de pedras britadas, cascalho ou saibro para lastro das linhas e também outros materiais de via.

³² Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

Elodia Lebourg – Trem de passageiro?

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Só passageiro?

Vanderley Ferreira – Só passageiro. Antigamente, eles corriam transportando também... Eles faziam transporte. Aproveitavam. Tinha o... Como fala? Tinha o lugar em que se colocavam bois, para descarregar na outra estação. Não era armazém; era tipo armazém que o trem carregava... Trem bagageiro, vagão bagageiro, como se falava.

Elodia Lebourg – Bagageiro?

Vanderley Ferreira – É. Porque eles só colocavam bagagem, esses trens³³, feijão, arroz, que vinha de longe.

Elodia Lebourg – O trem misto vinha com carga e com passageiro?

Vanderley Ferreira – Vinha com carga e passageiro.

Elodia Lebourg – Como era essa composição? O que ia primeiro, na ordem do trem?

Vanderley Ferreira – Os vagões de passageiro vinham atrás; à frente, iam as cargas.

Elodia Lebourg – Por que atrás?

Vanderley Ferreira – Ah! Agora eu não sei te explicar também, não. [riso] Deve ser por causa de acidente, não é? Eu creio que seja.

Elodia Lebourg – E como era horário de trem? Tinha horário fixo para chegar trem de carga, trem de passageiro?

Vanderley Ferreira – Tinha diversos horários. Eu acho, parece, que trem de carga, de Ponte Nova para cá... Eu lembro mais ou menos. Saía um trem da mineração de Mariana, chamada Minas Del-Rey³⁴, que jogava esses minérios, não sei se no Rio³⁵ ou se em Vitória³⁶ – agora me enrolei também. Então, transportava seis, 12 trens por dia.

Elodia Lebourg – Quantos?

³³ “Trens”, neste caso, é um termo que indica o que era transportado no bagageiro.

³⁴ Localizada em Mariana, a Mina Del-Rey é uma mina desativada, cujo direito de exploração pertence à Companhia Vale do Rio Doce.

³⁵ Rio de Janeiro, sede da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil e, posteriormente, da Estrada de Ferro Leopoldina.

³⁶ Capital do Espírito Santo, por onde passa um trecho da Linha do Litoral, pertencente à antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Vanderley Ferreira – De seis a 12 trens por dia. Era muito minério que tinha na época, em 1979. Quando, em 1979, deu a tromba de água por aí, foi que acabou com tudo.

Elodia Lebourg – Depois do quê?

Vanderley Ferreira – Em 1979 deu problema nas linhas todas aí.

Elodia Lebourg – Que problema?

Vanderley Ferreira – Choveu muito no sistema.

Elodia Lebourg – O que aconteceu com as linhas?

Vanderley Ferreira – Ah! Foi tudo embora, o barranco destruiu tudo! A linha foi toda embora. Não tinha como passar mais. O Ramal de Caratinga mesmo foi um que foi atingido, fechou de... Não sei se é... Eu não me lembro. Perto de Ipatinga³⁷ eles puxavam a coisa para cá; lá era outra coisa, lá era laminado, na época. Foi interrompido por causa disto: acabou a linha. A chuva acabou com a linha toda!

Elodia Lebourg – Falando em chuva, em problemas, que tipo de problema ou acidente era mais comum acontecer na linha do trem ou no trem?

Vanderley Ferreira – O mais comum era o descarrilamento, não é? Sempre, quase todos os dias.

Elodia Lebourg – Quase todo dia?!

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Por que acontecia tanto?

Vanderley Ferreira – Ah! A linha estava muito ruim, pouco pessoal, não tinha material.

Elodia Lebourg – Por que não tinha material e tinha pouco pessoal? O que estava acontecendo que não tinha gente suficiente?

Vanderley Ferreira – Eu creio que por falta de administração na época, também, não é? Não vou dizer, porque eu não sei mesmo te explicar tudo. Mas foi mais por falta de administração.

Elodia Lebourg – No caso, por exemplo, de um trem descarrilar, como se avisava para pedir socorro?

³⁷ Município de Minas Gerais.

Vanderley Ferreira – Hoje tem telefone para tudo, não é? Antigamente, era o seletivo³⁸. E quando estava chovendo e não se conseguia falar pelo seletivo? Ficava tudo embanhado até o outro dia, [risos] para ver o que se podia fazer. [risos]

Elodia Lebourg – Tinha que ficar esperando lá?

Vanderley Ferreira – Esperando.

Elodia Lebourg – Não podia abandonar o trem.

Vanderley Ferreira – Não pode. Só trocar de turma.

Elodia Lebourg – E se fosse trem de passageiro?

Vanderley Ferreira – Eu não sei. Isso eu não posso te explicar. Eu também não lembro muito bem, não. Porque eu entrei na Rede em 1976, quando o trem estava quase acabando.

Elodia Lebourg – O senhor sabe quando parou?

Vanderley Ferreira – Ah! Não sei, não. Não lembro, não.

Elodia Lebourg – O senhor sabe me dizer se tinha vistoria, se tinha inspeção nessa linha, no trem, para ver se estava tudo certinho e funcionando?

Vanderley Ferreira – Tinha, tinha. Em Mariana mesmo, tinha um pessoal próprio para isso. Mas eu não sei se eles não davam conta, se não tinham material... Não posso explicar, porque eu não tenho certeza.

Elodia Lebourg – No caso dessa manutenção da linha, como era feito isso? Tinha alguma coisa, por exemplo, para evitar cair mais barreira na época da chuva?

Vanderley Ferreira – Ah! Não tinha, não. Porque o terreno aqui é muito impróprio, é um terreno muito doido! Só lama a gente vê, essas terras meio coisa.

Elodia Lebourg – Quais funcionários viajavam no trem?

Vanderley Ferreira – Que eu me lembre, no trem de passageiro viajavam os maquinistas, o chefe-de-trem – como eles falavam naquela época; nem sei como se chama hoje – e o auxiliar dele. Quatro pessoas. No trem de carga eram os dois maquinistas, só.

Elodia Lebourg – Dois maquinistas?

Vanderley Ferreira – Só.

³⁸ Aparelho tipo “telefone” utilizado para comunicação interna da ferrovia.

Elodia Lebourg – Por que eram dois?

Vanderley Ferreira – Exigência da firma, não é? [risos]

Elodia Lebourg – Como eram as locomotivas usadas aqui? Eram movidas a quê?

Vanderley Ferreira – A óleo.

Elodia Lebourg – Óleo diesel?

Vanderley Ferreira – Diesel.

Elodia Lebourg – Elas tinham algum nome, algum apelido, uma maneira que os ferroviários conhecessem? Quais eram?

Vanderley Ferreira – Não.

Elodia Lebourg – Tinha diferença entre os vagões de passageiros?

Vanderley Ferreira – Olha, existia o de primeira classe, que era tipo a poltrona em que nós estamos sentados³⁹. E existia o de segunda classe, que era poltrona de tábua. De tábua não. Madeirite.

Elodia Lebourg – E tinha banheiro?

Vanderley Ferreira – Tinha. Muito sujo, mas tinha.

Elodia Lebourg – Era sujo?!

Vanderley Ferreira – Nossa! [risos]

Elodia Lebourg – Quem fazia a limpeza desses vagões? Era nas estações?

Vanderley Ferreira – Não. Fazia limpeza na oficina, quando ia para a oficina.

Elodia Lebourg – Onde era essa oficina?

Vanderley Ferreira – Em Mariana e em Ponte Nova, que eu me lembre.

Elodia Lebourg – Eram oficinas que faziam o quê?

Vanderley Ferreira – Manutenção de vagão, não é? Trocar alguma peça que precisava.

Elodia Lebourg – Quando o trem chegava à Estação ou saía da Estação, fazia algum sinal específico? Tinha um apito ou um sino?

Vanderley Ferreira – Tinha um sino.

Elodia Lebourg – Na Estação tinha um sino?

Vanderley Ferreira – Na Estação tinha um sino e na máquina também tinha.

Elodia Lebourg – Os dois tocavam?

³⁹ Refere-se às cadeiras nas quais os entrevistadores e o próprio entrevistado estavam sentados.

Vanderley Ferreira – Tocava na máquina na hora em que estava chegando à Estação. Eles ficavam contentes, muita gente esperando, não é? O trem chegava, tinha café... Nessas estações, aí para baixo, tinha cafezinho, mas tinha que pagar, não é? Claro! [risos] Pastelzinho...

Elodia Lebourg – Esses sinais, tanto o apito como o sino, eram entendidos pelos moradores da cidade?

Vanderley Ferreira – Vendido?

Elodia Lebourg – Entendidos.

Vanderley Ferreira – Ah, eram!

Elodia Lebourg – A pessoa sabia: “Oh! Está chegando o trem!”?

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – Na Estação, que tipo de pessoa esperava o trem chegar?

Vanderley Ferreira – Era todo mundo! Isso aí não tinha A nem B. Era todo mundo! Nesses arraiaizinhos por aí abaixo⁴⁰, o pessoal ficava igual doido na beira da linha: “Oh! O trem chegando!”

Elodia Lebourg – Por que gostavam tanto? O senhor sabe dizer?

Vanderley Ferreira – Não tinha outra diversão a não ser o trem. Não existia, naquela época. Não existia televisão. [risos]

Elodia Lebourg – Então a Estação ficava cheia?

Vanderley Ferreira – Superlotada! Dia de domingo aqui era uma festa!

Elodia Lebourg – Qualquer pessoa podia entrar?

Vanderley Ferreira – Podia.

Elodia Lebourg – Precisava pagar para entrar?

Vanderley Ferreira⁴¹ – Tinha até banda de música! Todo domingo tinha banda de música aqui, esperando o trem chegar.

Elodia Lebourg – Banda de música?!

Vanderley Ferreira – É, todo domingo.

Elodia Lebourg – Aí tocava na hora em que chegava?

Vanderley Ferreira – Chegava.

Elodia Lebourg – Que tipo de música tocava?

⁴⁰ No sentido de Ponte Nova.

⁴¹ O entrevistado ignorou a pergunta.

Vanderley Ferreira – Ah! Naquela época, “dobrado”, como eles falavam. Uma marcha de carnaval, então... [risos]

Elodia Lebourg – Para receber o trem.

Vanderley Ferreira – O trem era famoso! [risos]

Elodia Lebourg – Que banda era essa? O senhor sabe?

Vanderley Ferreira – A banda de música da localidade, não é? Rodrigo Silva tinha⁴², aqui tem duas⁴³, Mariana tem também⁴⁴. Essas roças todas, aí para baixo, têm.

Elodia Lebourg – Era a ferrovia que contratava essa banda ou essa banda...?

Vanderley Ferreira – Não. Elas vinham por livre e espontânea vontade.

Elodia Lebourg – No caso das pessoas que quisessem se despedir dos viajantes, elas podiam ficar em um lugar específico?

Vanderley Ferreira – Não, ficavam na janela, dando beijinho para lá, beijinho para cá [risos] e rachavam fora. [risos]

Elodia Lebourg – Então, podiam chegar assim perto do trem.

Vanderley Ferreira – Era um prazer chegar perto do trem! [risos]

Elodia Lebourg – Aí podiam dar beijinho?

Vanderley Ferreira – Podiam, é claro que podiam! Despistavam, porque a mãe não podia ver, não é? [risos]

Bernardo Andrade – Mas não podiam entrar no trem para se despedir?

Vanderley Ferreira – Não. Se entrassem correndo, podia. Homem era mais fácil, porque homem entrava e pulava, não é? E as mulheres não conseguiam.

Elodia Lebourg – Pulavam?

Vanderley Ferreira – Pulavam.

Elodia Lebourg – Como assim?

Vanderley Ferreira – O trem ia andando e a gente pulava. Chegava naquele... Como fala aquele trem⁴⁵ que a gente pega para subir? Na escada ali, e pulava.

Elodia Lebourg – Não era perigoso, não?

⁴² Distrito de Ouro Preto, onde havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil. Possuía a Sociedade Musical Santa Cecília, fundada em 22 de novembro de 1901.

⁴³ Em Ouro Preto, existem a Sociedade Musical Bom Jesus das Flores e a Sociedade Musical Bom Jesus de Matozinhos.

⁴⁴ Provavelmente o entrevistado refere-se à Banda União XV de Novembro mas, no passado, existia também a Banda São José.

⁴⁵ “Trem”, neste caso, significa a escada de acesso ao trem.

Vanderley Ferreira – Ah! Perigoso era, mas eles iam saindo devagarzinho. Não tinha problema, não.

Elodia Lebourg – O senhor já fez isso?

Vanderley Ferreira – Uma vez só. Depois, fiquei com medo. Cair lá debaixo, aquele trem passar por cima da gente é muito perigoso! [risos]

Elodia Lebourg – Como era o preço do bilhete do trem? Era considerado caro, para a época?

Vanderley Ferreira – Não. Na época era muito barato. Barátíssimo mesmo! Hoje é que está...

Elodia Lebourg – Tinha um funcionário específico para vender a passagem?

Vanderley Ferreira – Tinha. O agente-de-estação era só para isso. E tinha o chefe-de-trem lá dentro, para recolher os bilhetes.

Elodia Lebourg – Mas só podia entrar no trem se tivesse com passagem ou podia comprar lá dentro?

Vanderley Ferreira – Podia entrar. Chegava lá dentro, o chefe cobrava. Agora, para onde ia o dinheiro eu não sei te explicar, não. [ironia] [risos]

Elodia Lebourg – Para pegar passageiro, o trem parava só nas estações ou em outros lugares?

Vanderley Ferreira – Não. Conversando com o maquinista, ele parava fora de lugar, fora das estações.

Elodia Lebourg – Aqui perto tinha parada específica?

Vanderley Ferreira – Tinha. Tinha parada para pegar leite.

Elodia Lebourg – Para pegar leite?

Vanderley Ferreira – Tinha.

Elodia Lebourg – Você sabe me dizer o nome das paradas, se elas são...?

Vanderley Ferreira – Aqui para baixo, eu conheço uns dois lugares: Crasto⁴⁶ e Felipe dos Santos⁴⁷, tudo pegava. Que eu conheço, não é? Conheci e cheguei a ver.

Elodia Lebourg – Tinha alguma norma, algum regulamento que os passageiros tinham que seguir durante a viagem?

⁴⁶ A Estação Ferroviária de Crasto, pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil, foi inaugurada em 1929. Pelo menos até 1980, ainda havia movimentação de passageiros que podiam utilizar os trens mistos.

⁴⁷ Distrito de Congonhas do Campo desde 1938, onde havia uma estação ferroviária pertencente ao Ramal da Ponte Nova, trecho da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil.

Vanderley Ferreira – Ah, não tinha! Porque muita gente ia à plataforma, olhava – como estou te falando –, pendurava na escada, ficava olhando para baixo. Não tinha disso, não.

Elodia Lebourg – Isso com o trem andando, também?

Vanderley Ferreira – Com o trem andando. Hoje tem segurança, não é?

Elodia Lebourg – Em algum dia da semana específico a Estação ficava mais cheia, com mais movimento?

Vanderley Ferreira – Ah! Mais era domingo, não é? Domingo lotava! Como estava te falando, tinha banda. O pessoal levava a banda para fazer farra e aproveitava...

Elodia Lebourg – Durante o ano, em algum mês, em alguma ocasião, o trem tinha mais movimento?

Vanderley Ferreira – Ah, tinha! Para baixo, nesses lugares pequenos, todo ano tinha festa de padroeiro. Vamos supor. Um exemplo: Furquim. Furquim era o primeiro do ano – que eu estou me lembrando, não é? No princípio do ano, eles faziam a passagem de ano lá em Furquim, tinha uma festa de Bom Jesus de não sei o quê. Aí Furquim lotava! De Mariana para baixo o trem ia assim⁴⁸, eram três vagões superlotados! Toda vez superlotava. O pessoal ia ao sábado, no dia 31, voltava dia primeiro.

Bernardo Andrade – Tinha uma festa famosa em Congonhas⁴⁹ também, não tinha?

Vanderley Ferreira – Congonhas também tinha. Ainda tem, não é? Só que tem que para o lado de lá eu não sei, porque não é muito...

Jason Santa Rosa – Tem algum padroeiro do trem?

Vanderley Ferreira – Do trem não. Tem padroeiro do lugarejo.

Elodia Lebourg – Mas tem algum santo de devoção para o ferroviário?

Vanderley Ferreira – Ah, tem! Não, para o ferroviário não. Que eu saiba, não.

Elodia Lebourg – E tinha comércio dentro do trem?

Vanderley Ferreira – Tinha.

Elodia Lebourg – Vendia-se que tipo de coisa?

⁴⁸ O entrevistado fez o típico gesto com as mãos sugerindo quantidade.

⁴⁹ Jubileu de Nosso Senhor do Bom Jesus do Matozinhos, em Congonhas do Campo, Minas Gerais.

Vanderley Ferreira – Vendia-se geléia... Naquela época era suco, guaraná, esses trens⁵⁰ assim. O pessoal tinha prazer em pagar passagem para ficar vendendo. Mas geléia saía muito.

Jason Santa Rosa – Quem vendia?

Vanderley Ferreira – Ah! Acho que já faleceu esse moço– chamava-se José Geléia por “causo”⁵¹ disso! [risos] Zé Geléia, todo mundo o conhecia por Zé Geléia. Ele só vendia geléia no trem.

Elodia Lebourg – Só vendia no trem?

Vanderley Ferreira – Só no trem.

Elodia Lebourg – Não vendia em outro lugar.

Vanderley Ferreira – Não. Chegava na hora do trem, ele ia para a Estação e descia de trem, voltava de trem.

Jason Santa Rosa – Era geléia de quê?

Vanderley Ferreira – Naquela época era mocotó, como se falava, não é?

Elodia Lebourg – O senhor já comprou a geléia dele?

Vanderley Ferreira – Já.

Elodia Lebourg – Era boa, mesmo?

Vanderley Ferreira – Boa. Minha boca até encheu de água! [risos]

Elodia Lebourg – Nesse trecho, tinha alguma paisagem ou um local especial que o senhor, no trem, gostava de contemplar?

Vanderley Ferreira – Olha, há muita passagem boa por aí afora, muitas pontes bonitas! De Mariana para baixo mesmo tem. Só que agora reformaram tudo, eu não sei como está. Mas tem muita paisagem. A gente ia daqui para Mariana: a primeira coisa que preocupava era ficar do lado direito. Descia para Mariana do lado direito, porque, de Vitorino Dias⁵² para lá, passando os túneis, só se vê paisagem para baixo... Na Companhia da Passagem⁵³, você olha lá embaixo. Chega ao alto da serra⁵⁴, você vê Mariana quase toda. Tão bonito! Tão gostoso! Agora, não voltei mais a andar de trem.

Elodia Lebourg – Ainda não andou no trem?

⁵⁰ “Trens”, neste caso, é uma referência aos produtos vendidos no interior do trem.

⁵¹ Por “causa”.

⁵² Vitorino Dias era uma Estação Ferroviária localizada entre as estações de Passagem de Mariana e de Ouro Preto. No local, funcionou uma fábrica de tecidos.

⁵³ Companhia Minas da Passagem, localizada em Passagem de Mariana, distrito de Mariana.

⁵⁴ Serra de Passagem de Mariana.

Vanderley Ferreira – Não, ainda não.

Elodia Lebourg – Tem que ir!

Vanderley Ferreira – Tenho que ir, mas...

Elodia Lebourg – O entorno da Estação tinha hotéis, restaurantes, bares...?

Vanderley Ferreira – Tinha. Eram os mesmos que estão aí.

Elodia Lebourg – Os mesmos?

Vanderley Ferreira – São os mesmos.

Elodia Lebourg – Eles eram muito freqüentados, na época?

Vanderley Ferreira – Eram freqüentados. Só os nomes modificaram, não é?

Elodia Lebourg – O que modificou?

Vanderley Ferreira – Os nomes do pessoal. Antigamente, eles falavam Bar do [Quidu]⁵⁵, hoje é Bar do Manjuba⁵⁶, Restaurante do Manjuba. Tinha o Restaurante Nossa Senhora Aparecida⁵⁷. Dentro da Estação também tinha... Disso eu não me lembro, mas dizem que já existiu um restaurante aqui. Tinha um cafezinho. O cafezinho eu ainda cheguei a apanhar, mas o restaurante não.

Bernardo Andrade – Funcionava dentro do prédio da Estação?

Vanderley Ferreira – Hein?

Bernardo Andrade – O cafezinho?

Vanderley Ferreira – É. Agora eu não sei se era aqui, se era na frente... Esses mais antigos podem te explicar.

Elodia Lebourg – O senhor se lembra do trem ter trazido alguma autoridade, alguma pessoa importante?

Vanderley Ferreira – Já ouvi falar, já ouvi falar. Nesse dia foi o maior foguetório em Ouro Preto. Eu não sei qual era o presidente na época, que veio de trem.

Elodia Lebourg – Foi um presidente?!

Vanderley Ferreira – O presidente.

Elodia Lebourg – E o trem veio enfeitado? Veio um trem diferente? Como era?

Vanderley Ferreira – É isso mesmo, veio todo enfeitado. Dizem que veio todo enfeitado. Eu não me lembro, não.

Elodia Lebourg – Em que ano o senhor parou de trabalhar?

⁵⁵ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁵⁶ Bar localizado em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto, no bairro Barra.

⁵⁷ Restaurante e pousada localizada em frente à Estação Ferroviária de Ouro Preto, no bairro Barra.

Vanderley Ferreira – Em 1996.

Elodia Lebourg – Isso foi lá em Ponte Nova.

Vanderley Ferreira – Ponte Nova.

Elodia Lebourg – Como foi isso? O senhor ficou contribuindo por mais um tempo para se aposentar.

Vanderley Ferreira – Mais sete meses.

Elodia Lebourg – E veio para cá.

Vanderley Ferreira – Vim.

Elodia Lebourg – Como foi a história de ter conseguido esta casa da ferrovia?

Vanderley Ferreira – Porque eu trabalhava na Via Permanente, não é? Então eu consegui.

Elodia Lebourg – Essa casa nova?

Vanderley Ferreira – Hein?

Elodia Lebourg – A casa nova. A outra é que era da Via Permanente.

Vanderley Ferreira – Todas as duas. Porque antigamente... Eu não posso explicar, porque... Posso falar, porque eu já vi os outros contando. Aqui tinha a divisão de... Como nessa primeira casa⁵⁸: dizem que foi feita para um chefe de escritório – na época, o escritório era aqui – e passou até para o Senhor Nilson Lourdes de Oliveira⁵⁹. A casa do meio foi feita para o condutor de auto-de-linha – o engenheiro morava lá na frente, onde hoje é a Reitoria⁶⁰. A terceira casa, que hoje está para Universidade⁶¹ – era da prefeitura, me parece –, foi feita para o mestre-de-obras. Então tinha essa burocracia, antigamente.

Elodia Lebourg – Como?

Vanderley Ferreira – Tinha essa burocracia de dar um para o outro.

Elodia Lebourg – O senhor mora em qual delas?

Vanderley Ferreira – Hoje, na que pertenceu ao condutor de auto-de-linha.

Elodia Lebourg – A segunda.

Vanderley Ferreira – É, a segunda.

Jason Santa Rosa – Quem construiu?

Vanderley Ferreira – A Rede Ferroviária.

⁵⁸ Refere-se à primeira das três casas de moradia, construídas ao lado da Estação Ferroviária de Ouro Preto.

⁵⁹ Ferroviário aposentado, entrevistado pelo Vale Registrar.

⁶⁰ Reitoria da Universidade Federal de Ouro Preto.

⁶¹ Universidade Federal de Ouro Preto.

Jason Santa Rosa – O senhor se lembra da construção?

Vanderley Ferreira – Não. Não lembro, não.

Jason Santa Rosa – Quando foi construída?

Vanderley Ferreira – Não, não lembro. A única coisa que eu sei é que dizem... Os antigos são também quem fala, eu não posso... Falaram para não contar... Isso aqui era um brejo, [inaudível] essas casas são todas rachadas. Por que elas são rachadas? Porque, dizem, foram feitas todas de trilho. Por baixo, no brejo, eles meteram trilho ali e depois construíram por cima, puseram terra, não é? Construíram por cima do brejo. Assim eles contam essa história. Agora, eu não sei quando foram construídas.

Elodia Lebourg – Em Ponte Nova, o senhor morou também em alguma casa da ferrovia?

Vanderley Ferreira – Morei no alojamento.

Elodia Lebourg – Como era isso?

Vanderley Ferreira – O alojamento era um cômodo grande, para seis pessoas.

Elodia Lebourg – Então dividia com outros funcionários.

Vanderley Ferreira – Mais seis. Seis comigo.

Elodia Lebourg – E sua família ficou aqui.

Vanderley Ferreira – Ficou aqui.

Elodia Lebourg – Continuou nessa casa.

Vanderley Ferreira – Continuou nessa casa.

Elodia Lebourg – O senhor lá permaneceu por 12 anos?

Vanderley Ferreira – Ah, mais! Foi de 1981 para 1996, eu nem sei... [risos]
Mais de 12.

Elodia Lebourg – Foram quantos anos de ferrovia?

Vanderley Ferreira – Vinte e cacetada. Eu entrei em 1976. Para 1996... Ah! Agora... [risos]

Elodia Lebourg – Vinte anos. Nesses 20 anos, o senhor se lembra de algum caso engraçado, especial ou mesmo triste, que aconteceu e que te marcou e que você queira contar para a gente?

Vanderley Ferreira – Que matou?

Elodia Lebourg – Que te marcou.

Vanderley Ferreira – Marcou? Eu, trabalhando? Assim eu não lembro, não.

Elodia Lebourg – Um caso engraçado?

Vanderley Ferreira – Caso engraçado... [risos] Era muito difícil em casa! Porque, no alojamento, tem hora que a gente descombina⁶² um com o outro. Então, eu estava no alojamento e já tinha tomado uns golinhos. Eram mais de sete horas da noite. Meu colega chegou procurando jantar. Eu falei: “Não fiz jantar ainda”. Aí não sei do que ele me ofendeu lá e eu fui xingar. Ele arrancou a faca da cozinha e veio para me bater. Ao bater, ele pegou na porta! [risos] A única coisa que eu me lembro de engraçado foi isso. Hoje nós somos amigos! [risos] Foi só no dia! [risos]

Elodia Lebourg – Ficaram amigos depois?

Vanderley Ferreira – Diz ele que deu um branco na cabeça dele! [risos]

Elodia Lebourg – Ele não se lembra disso? [risos]

Vanderley Ferreira – Lembra. Ele me conta, a gente conta sempre que se encontra.

Elodia Lebourg – Antes assim, não é?

Vanderley Ferreira – Agora, triste foi um colega que morreu em Mariana, não é? Isso aí foi triste.

Elodia Lebourg – Morreu no serviço?

Vanderley Ferreira – Não, ele estava fora do serviço também. E outro foi um acidente que teve aqui em cima, chegando a Burnier: a máquina⁶³ disparou e matou dois colegas.

Elodia Lebourg – Disparou?

Vanderley Ferreira – É.

Elodia Lebourg – O que é isso?

Vanderley Ferreira – Ao descer para chegar a Burnier – não sei o que arrumou –, ela pegou alta velocidade e tombou. Ficaram todos dois entre as ferragens. Único caso triste que eu tenho é esse aí.

Bernardo Andrade – Isso tem muito tempo?

Vanderley Ferreira – Ah! Foi em 1990 e poucos também.

Elodia Lebourg – O que o senhor sentiu quando a ferrovia foi paralisada? O senhor, que mora aqui tão perto!

⁶² Provavelmente, o entrevistado quis dizer “não combina”.

⁶³ Locomotiva.

Vanderley Ferreira – Eu? Nossa... Fiquei quase três meses chorando, nervoso.

Elodia Lebourg – Por quê?

Vanderley Ferreira – Ah! Porque ninguém esperava o que aconteceu com a gente, não é? A gente achou que a FCA⁶⁴ ia bancar, que ia dar mais conforto para a gente. Eles chegaram com a força toda, não é? Chegaram aí pondo... Como a gente estava falando sobre alojamento: limpavam os alojamentos todos e tal. Depois mandam embora, de uma hora para outra, sem mais, sem menos.

Elodia Lebourg – Muito ruim?

Vanderley Ferreira – Ah! Nossa... Isso ai deixou todo mundo... Teve colega que pulou até no rio, em Ponte Nova.

Elodia Lebourg – Pulou no rio? Se matou?

Vanderley Ferreira – Uai! Tinha os filhos todos pequenos. Não, não morreu. Não chegou a morrer. Eles tiraram, a polícia tirou.

Elodia Lebourg – E agora que o trem está voltando?

Vanderley Ferreira – Está uma beleza!

Elodia Lebourg – Vai andar no trem?

Vanderley Ferreira – Ah, vou! Em breve, eu vou, se Deus quiser!

Elodia Lebourg – O senhor já tinha vindo aqui, na Estação?

Vanderley Ferreira – Já. Quando eles estavam arrumando, eu vim diversas vezes.

Elodia Lebourg – O que o senhor achou?

Vanderley Ferreira – Muito bom! Isso aí é que teria que ter sido feito há mais coisa⁶⁵. Teria que ter sido feito antes de a gente sair, entendeu? Mas não fez.

Elodia Lebourg – Bernardo?

Bernardo Andrade – Não.

Jason Santa Rosa – O senhor se lembra da sua infância perto da Estação? O que o senhor fazia?

Vanderley Ferreira – Eu morei em casa de turma, em Passagem de Mariana, muitos anos. Depois, nós nos mudamos para aqui, meu pai se mudou para aqui.

⁶⁴ Ferrovia Centro-Atlântica.

⁶⁵ Provavelmente, o entrevistado quis dizer “há mais tempo”.

Jason Santa Rosa – Como era lá?

Vanderley Ferreira – Ah! Lá era bom. Eu lembro que a gente ia passear na casa da minha avó – minha avó morava em Monsenhor Horta. A gente chegava lá – menino pequeno é fogo –, descia do trem na Estação e saía correndo, gritando: “Vim de trem! Vim de trem! Oi, vovó!” [risos] Isso eu lembro muito.

Jason Santa Rosa – E na adolescência do senhor?

Vanderley Ferreira – Ah, também! Muita coisa boa se passa no trem.

Jason Santa Rosa – O senhor aprontava alguma coisa?

Vanderley Ferreira – Não, nunca fui de aprontar! Eu era quietinho.

Jason Santa Rosa – Era? Era quietinho?

Vanderley Ferreira – Era quietinho, não aprontava nada! [risos]

Jason Santa Rosa – Mas tinha gente que aprontava?

Vanderley Ferreira – Ah, tinha!

Jason Santa Rosa – O que fazia?

Vanderley Ferreira – Ah! Fazia essas coisas... Punha pedra na linha [risos] para o trem passar... Até que era bonito! Eu nunca pus, mas era bonito!

Jason Santa Rosa – Por quê?

Vanderley Ferreira – Na hora em que amassava a pedra, a galera começava a rir. Era engraçado! Achava que estava fazendo vantagem!

Bernardo Andrade – Mas descarrilava o trem?

Vanderley Ferreira – Descarrilava não!

Bernardo Andrade – Não?

Vanderley Ferreira – Não. Essas pedrinhas?! [ironia]

Elodia Lebourg – Era pedra pequena, então.

Vanderley Ferreira – Pequena.

Elodia Lebourg – Como?

Vanderley Ferreira – Essas pedrinhas que se põem na linha aí⁶⁶.

Jason Santa Rosa – Tinha alguma outra brincadeira?

Vanderley Ferreira – Não, era só isso, que eu lembro.

Jason Santa Rosa – Aos domingos, o que o pessoal fazia sem ser a banda? Chegava cedo, almoçava aqui, como era?

⁶⁶ Britas.

Vanderley Ferreira – Quem vinha passeando?

Jason Santa Rosa – Quem vinha? Era a família toda?

Vanderley Ferreira – Olha, vinha a família toda. Saía daquele Alto da Cruz⁶⁷ e vinha para cá; saía do Veloso⁶⁸ e vinha para cá. Juntava aquela turma! Vinham uns padres por aí, vinham todos para cá para ver o trem chegar. Era bonito!

Jason Santa Rosa – Ficavam durante o dia todo?

Vanderley Ferreira – Não, só de trem. Depois morria: o trem ia embora, acabou a festa.

Elodia Lebourg – A gente vai terminar a nossa entrevista. A minha última pergunta: eu gostaria de saber o que o senhor achou de ter participado do Vale Registrar e de ter dado seu depoimento para a gente?

Vanderley Ferreira – Ah! Foi muito bom! Apesar de ter dificuldade para falar, foi muito bom! [risos]

Elodia Lebourg – Gostou?

Vanderley Ferreira – Gostei muito mesmo! Obrigado.

Elodia Lebourg – Obrigada.

Jason Santa Rosa – Obrigado.

Bernardo Andrade – Obrigado, Senhor Vanderley.

[Término da entrevista]

⁶⁷ Bairro de Ouro Preto.

⁶⁸ Bairro São Cristóvão, em Ouro Preto.